



Reportagem

Semanário das
grandes reportagens

ANO I

15 de Novembro de 1930

Numero 15



LÉR NESTE NÚMERO: A ressurreição dos Tavoras—Escravidura branca, etc., etc..

◆ Grande Hotel da Batalha ◆

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

☐ Magníficas instalações ☐
 Serviço de mesa primoroso
 EXPLÉNDIDA SALA DE JANTAR
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

MANUEL JOAQUIM BARBOSA
 PAPEIS, ARTIGOS GRA-
 FICOS, COMISSÕES E
 CONTA PRÓPRIA
 Telefone 5039
 Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.ª o
Hotel Restaurant Pinto Bessa
 Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524
 Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visita-lo é preferi-lo.
 Proprietario — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA
 Travessa da Picaria, 28
 O maior Salão Dancing do Porto
 ☐
 TODAS AS NOITES NOVAS VA-
 ☐ RIEDEADES — «SOIRÉES» ☐
 Serviço de Restaurant e Gabinetes
 ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS
 Especialidades em pinturas
A. R. CARVALHO
 Construtor civil diplomado
 Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ
 Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66
 ☐
BAR
 Galeria de Paris, 109 — PORTO
 ☐
 O mais confortável
 mais completo ☐
 mais higiénico ☐
 Grande exito de todas as noites
 ☐
 Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Expléndidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ
 Espanha, França, Brasil e América do Norte


PASSAPORTES
 Agente no Norte da **United States Lines**
 TELEFONE, 762
 Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

É caro? É! Mas no **ESCONDIDINHO**
 come-se, porque o **ESCONDIDINHO**
 é quem melhor serve.
 ☐ ☐
 A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são célebres e não têm rival.
 ☐ ☐
 Rua Passos Manuel -- PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato?
 Elegante? Na ultima moda?
EXPERIMENTE E VERÁ!!!
 ☐ ☐
SAPATARIA LAGES
 R. Santo Ildefonso, 20-PORTO
MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO
 A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa
FOTO-ESTRELA POLAR
 62 — Rua de Santa Catarina — 64
 Telefone: 2158 PORTO

PELES Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras. Pelaria das melhores procedências para confecções. Curte, tingi, limpa, transforma e confecciona todas as peles. Envia-se amostras para a provincia e remetem-se encomendas contra-reembolso.
 Grandes abatimentos às modistas — Formidável sortido em malas, pastas e carteiras.
 Esta casa executa concertos em capas de borracha, malas e tingi com perfeição
A NACIONAL
 Fábrica de malas, carteiras, pastas e confecções de peles
 DE
A. FERREIRA VEIGA, LTD.
 Rua da Palma, 34, 1.º — LISBOA Telefone N. 3624
 NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é «A Nacional», a mais antiga no genero e a que melhor serve e mais barato vende.



Mendonça, L.ª
COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
 COLOCAÇÃO DE CAPITAL EM 1.ª HIPOTECAS

Rossio, 74-1.º

SABÃO CASTELO
 O melhor produto para tirar nodos
 Preço 1\$00
 À venda em todas as drogeries

“**GARANTIA**”
 COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)
 Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
 Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33
 Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra companhia lhes pode oferecer maiores vantagens; o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a esquadra-la o seu passado
 SEDE
 Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO (EDIFICIO PROPRIO)
 DELEGAÇÃO CENTRAL
 Praça da Liberdade, 13 e 14
 Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.ª, L.ª
 DELEGAÇÃO EM LISBOA
 Rua de S. Julião, 63 a 71 (EDIFICIO PROPRIO)

AGENCIA “A PORTUENSE”
 (DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)
 ☐ ☐
Passagens e Passaportes
 -- Honestidade e competencia --
 ☐ ☐
 Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir
 ☐ ☐
TELEFONE 123
 ☐ ☐
R. do Corpo da Guarda, 15 PORTO

COELHO DA COSTA
 AGENTE OFICIAL
 ☐ ☐
 Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa
 ☐ ☐
 Escrever ou falar para a
RUA CHÁ, 129-132 — PORTO
 TELEFONES / Agencia 1412 / Residencia 2187

Peles
 Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras.
 Pelaria de todas as qualidades e das melhores procedências.
 Peles avulso para guarnições.
 Curte, tingi, limpa, transforma e confecciona todas as peles.
M. ANÃO, LIMITADA
 R. DOS RETROZEIROS, 58
 R. DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

reporter

Homens & Factos do Dia

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX — LISBOA

DELEGACÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTO.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6	" " " 25 " —Esc.	22\$50
12	" " " 52 " —Esc.	44\$50



Reinaldo Ferreira

O que leva Reinaldo Ferreira à capital de Inglaterra é o julgamento da casa Waterlow, que se inicia no dia 18 do corrente, cuja reportagem especial o Reporter X publicará desenvolvidamente. Com esta reportagem dá este semanário início a uma série de grandes reportagens internacionais, cumprindo assim o que prometeu aos seus leitores: proporcionar-lhes através da prosa brilhante do seu Director e dos seus melhores colaboradores um contacto mais estreito com os mais importantes problemas estrangeiros e com os assuntos de mais palpitante interesse.

Reinaldo Ferreira tenciona escrever para o Reporter X, além da reportagem do importante julgamento, uma série de artigos sobre Whitechapel, o tenebroso bairro londrino que irá visitar minuciosamente, os misteriosos das docas do Tamisa que têm servido de assunto para tantos artigos e romances, e fará também algumas entrevistas de sensação, uma delas com Edgard Wallace, o famoso romancista inglês que, pela tecnica estupenda dos seus romances policiaes, está interessando o mundo inteiro.

Conhecidas como são de toda a gente as inigualaveis faculdades jornalísticas de Reinaldo Ferreira, resta-nos aguardar com impaciencia as suas grandes reportagens, que virão juntar mais um titulo de gloria a este semanário, por quem o público já sente uma decidida predilecção.

M. D.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Portugal... traduzido

A propósito do romance «Le Chef» de Claude Farrère, desenrolado em Portugal e com personagens portuguesas, que tão disparatada celeuma levantou e a que já dedicáramos algumas revelações inéditas — escreve-nos um leitor «assíduo» mas culto — o que é mais raro do que parece — para nos afirmar que Portugal e os portugueses são mais vezes usados como palco e herois da literatura estrangeira do que nós cá dentro do país julgamos. Tem razão esse «assíduo» — e já agora evocaremos o mais vertiginoso romancista inglês, Edgard Wallace, que escreve centenas de contos, novelas, romances e peças de teatro por ano, que reformou brilhantemente o genero policial e que, sempre que pode, mete a nossa terra e gente nossa nas suas obras. É uma verdadeira Portugal-mania. E o mais curioso é que, pelo visto, nunca cá esteve. No seu romance «O Sineiro» mete no Porto o «Palacio da Bolsa do Vinho» em estilo da Bolsa de New-York e um Hotel de Inglaterra com três ascensores. No «Rei na Sombra» aparece uma Lisboa com toureiros a passearem por toda a parte, com traje de luces e espada à cinta. No «Justiceiro» entram três portugueses: um chama-se D. Paco, Marquês de Pinto; os outros D. Luis Silva

Reinaldo Ferreira partiu para Londres

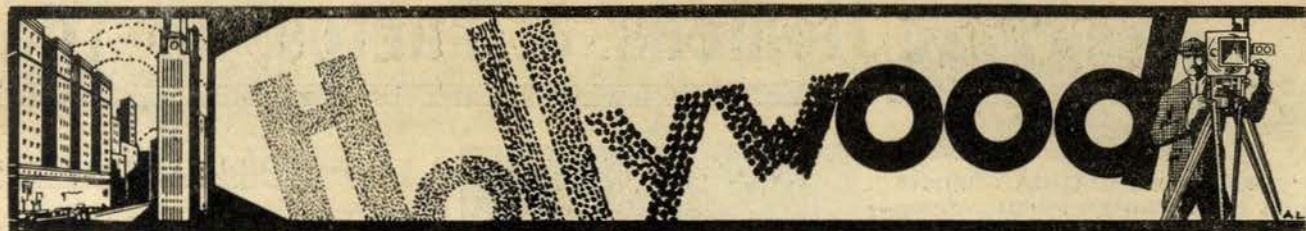
REINALDO Ferreira, o grande jornalista que o grande público adora, prezado Director deste jornal, que em um curto espaço de tempo, mercê da sua admirável orientação, alcançou um êxito pouco vulgar em publicações portuguesas, após uma curta e proveitosa cura de repouso na Casa de Saude de Bemfica, partiu no domingo passado para Inglaterra em serviço profissional.

Se todos os que trabalham neste jornal não gozassem de uma grande independencia de espirito, e se o autor destas linhas, que é amigo como irmão de Reinaldo Ferreira desde os bancos de escola, não fôsse uma pessoa incapaz de adular por interesse mesquinho e material os directores das gazetas onde trabalha, as palavras que aqui se lêem a respeito do irrequieto e empolgante jornalista e escritor não teriam o menor valor e seriam decerto tomadas à conta de louvaminha vulgar.



Edgard Wallace

Wine e D. Antonio Santarém Alcobaca. Mas o cumulo — entre tantos cumulos — está no «Vingador»: uma jovem lisboeta que tem o nome baptisml de Torres Vedras. Pelo visto Wallace tem lá em casa uma guia de Caminhos de Ferro de Portugal e é por ela... que se guia...



OS SEGREDOS DA "CAPITAL DO FILME"

Os defeitos, fraquezas e vícios dos artistas cinematográficos—Desilusões, escândalos e... roubos

PARA os intoxicados do cinema, Hollywood, a famosa «Capital do Filme», é uma cidade onde se vive... cinematográficamente. Para os fanáticos do «além-ecran»—Hollywood é uma espécie de Paraíso de Allah, dum Allah super-civilizado, de casaca e monoculo, regalando aos seus hóspedes divino-humanos—«estrelas», «vedettes», «stars», «azes»...—uma visão constante de ópio, onde cabem todos os prazeres modernos, todas as «feeries», todas as glórias e emoções e aventuras e riquezas. Hollywood, cidade-fantasia que surgiu definitivamente improvisada em poucos meses, como uma miniatura de todas as grandes cidades, fundada pelos maiores «studios» do mundo que são como enormes estufas de Sônhos, eternamente encharcados pela tinta violeta das lâmpadas de mercúrio onde os «metteurs» amalgamam sombrios Whitechapel e labirintos floridos de Sevilha, como «boulevards» de cartão pintado e Pekins scenográficos, não foge ao dogma cruel dos «avessos»... Hollywood, que rebrilha numa perpetua constelação napolitana aos olhos dos fumadores de ilusões, também conhece, na intimidade dos seus bastidores, as pequenas e grandes misérias de todos os reversos...

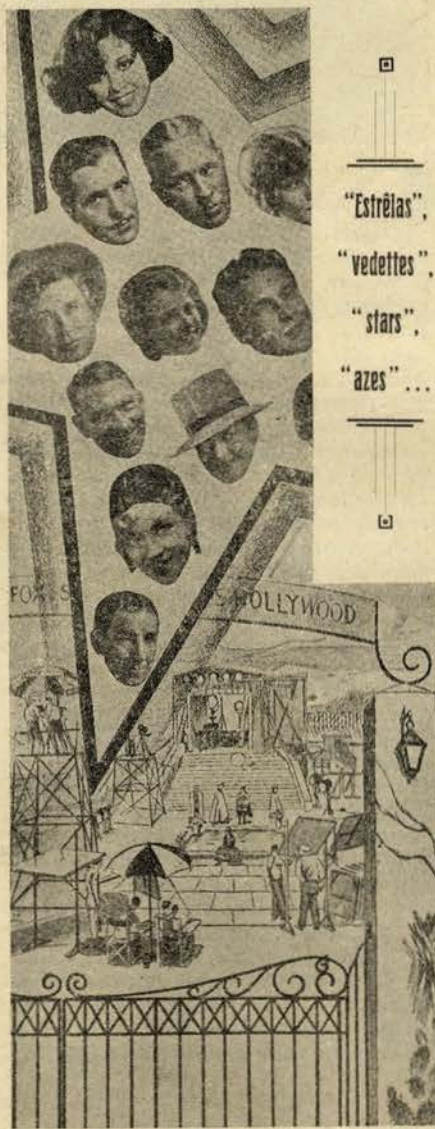
Até hoje os escribas especializados na publicidade de Hollywood têm explorado esse histerismo universal dos utopistas exibindo a «Capital do Filme» num interrupto, e morno, e suave regafo cheio de harmonia e vibrante de emoção. Mas eis que desembarca em Hollywood Pablo Villegas, o mais temido reporter mexicano, popularizado em toda a America Latina pelo pseudônimo de «El Plumero Rojo»; e em vez de se arremeter aos escravos do elogio, aos scenografos e a mentira publicitária, bisbilhotou os «bas-fonds» da «Capital da Ilusão» e logo, em artigos no «El Excelsior» do Mexico, primeiro, e num volume sensacional—«Los Misterios de la Ciudad Artificial»—depois (hoje traduzido em inglês e em alemão) revela, sem a menor cerimônia, tudo o que viu, escutou e descobriu. Em vão empresários, industriais, chefes de réclame se esforçaram por ocultar a verdade ou por suborná-lo. Mais forte do que as tentações e do que os salteadores do seu carácter—Pablo Villegas desmascarou a mentirosa «Capital do Sônhos».

Na impossibilidade de acomodar as 300 páginas dessa obra, no curto recinto desta página—vamos seleccionar, ao acaso, os trechos mais ousados dos seus capítulos mais irreverentes. Começemos por...

O QUE «ELAS» E «ELES» PARECEM SÊR E O QUE SÃO NA REALIDADE

... Começemos pelo prólogo. Diz Pablo Villegas: «A primeira desilusão que agride a ingenuidade dos que vêm a Hollywood sem outra bussola do que a da fantasia, burlada pela ficção dos filmes, é a do adorno que separa os caracteres reais dos «stars» e «vedettes» da impressão com que esses «stars» e essas «vedettes» se fixaram há muito no nosso espírito, quer pela hipocrisia da sua exteriorização fisionômica, quer pelo género de papéis que têm representado, quer ainda

pelos intrujices que os reclamistas engendram na propaganda dos elencos. Podia jurar que qualquer dos meus leitores, seja mexicano, «yankee», argen-



tino, francês ou russo, colou ao peito dos artistas cujos nomes vou citar as mesmas etiquetas morais que eu, antes de viver em Hollywood. Assim, por

exemplo para os senhores: que Mary Pickford é uma eterna ingênua, com alma de criança num físico de boneca, mais atenta às brincadeiras inocentes do que aos problemas grosseiros da vida; que Bébé Daniels é uma garota impenitente em continua travessura; que Bessie Love é uma colegial precoce, um rato de sol feito carne e uma alma de arminho à força de ternura; que Joan Crawford, uma altiva beleza, consciente do valor dos seus encantos, despreza os outros mortais como uma Cleopatra ante escravos de raça inferior; que Gilbert é daqueles moços que já não se usam e que reunindo todas as virtudes modernas do galã—saúde, elegância, beleza máscula—não abdica das qualidades eternas e agora caricaturais—nobreza, valentia, sentimentalismo, sinceridade; que Ramon Novarro é um latino—um ibero—trajando a melhor veste carnal dos «yankees» ficando numa espécie de Mario Cavaradosi ou de Armando Duval que substitui o fiorête pelas luvas de «box» e as gondolas venezianas pelo aeroplano. Foram essas as ilusões que se anicharam, irremediavelmente, no meu coração quando, apaixonando-me pelos heróis imaginários que eles interpretaram, os liquei aos seres humanos que viviam para além dos filmes, como se o artista e a personagem cinematográfica fossem uma e a mesma pessoa. E essa auto-burla de que fui vítima repete-se naturalmente por todos os cinéfilos dos cinco continentes. Mas que diferença entre a realidade e o sônhos! Despreocupada e infantil, Mary Pickford, mal emerge do campo da objectiva, franza a loura e fina sobranceira, regateia obscadamente com todos os fornecedores, sôrga por uns centavos de barateza nas compras, chegando a sua avareza a tal mesquize que os colegas a apodam de «Mary dos descontos». A alegre e travessa Bébé Daniels é uma neurastenia, cheia de azedume, achacosa, sofrendo de reumatismo e outras doenças reveladoras de uma velhice precoce. A encantadora Bessie Love é a maior intriguista dos «studios», invejosa e impertinente; Joan Crawford, tão altiva e desdenhosa, é uma piebete grosseiríssima, com tais relaxamentos higiênicos que aos primeiros boatos de idílio com o filho de Douglas se inventou a «blague» de que o noivo... não tinha olfacto porque só assim se explicava a paixão do pobre moço—tal a exalação da sua carne... pouco amante da água. John Gilbert, o galã supremo, tem, entre outros muitos vícios, o de tomar rapé como qualquer velho e o de mascar tabaco como qualquer «sioux» selvagem. E por último, Ramon Novarro é um pedante com uma vozita e uns ademanes tão efeminados que o alcunham de «Miss Mexico»... Foi ao comprovar estas disparidades entre os modelos de cartaz e os de carne e osso que eu inicié o meu inquérito nos bastidores de Hollywood.

AS ALCUNHAS E OS CIUMES

«Mayer, um dos directores da «Metro», é judeu. A êle se deve esta frase: «Chamem-me tudo»: «salo jiu!», ladrão, assassino, etc. Não consinto

(Conclui na pág. 14)

OS INCENDIARIOS DE MAFRA

Um redactor do «Reporter X» ouve os Bentos que puseram vários fogos para apanharem o dinheiro do seguro — A evocação de um grande incendiário que é também um grande herói

— FOGO!!! Fôgo!!! Há fôgo em casa do Alberto Bento!...

E certa noite, a pequena povoação da Bandalhoeira, no Livramento, a dois passos de Mafra, foi súbitamente arrancada à sua habitual placidez por este grito terrível e atoador: — Fôgo!

As labaredas sinistras, alastradoras, iam destruindo tudo, torcendo ferros e desmoronando paredes, reduzindo a disforme montão de escombros o edifício em que estava instalada a escola primária.

O proprietário do prédio, Alberto Bento, negociante e comerciante do sítio e considerado influente político da localidade, corria aflito, dum lado para o outro, sem saber o que fazer à vida, isto enquanto o povo tentava, em vão, dominar o incêndio.

Mas há sempre uma compensação, que, desta vez, se apresentou sob a forma de vinte e oito notas de mil escudos, pagas pela Companhia de Seguros «Comércio e Indústria» — valôr da apólice de seguro do prédio sinistrado.

Decorridos, porém, poucos dias, um novo incêndio se propagou, violento e devastador, cabendo agora a vez a um velho casal do Livramento, propriedade de Francisco Bento e seguro pela Companhia «Bonança».

Então o povo, de alma romântica e fantasiosa, perdeu-se em conjecturas, querendo vêr nos dois sinistros mais uma obra de criminosos do que de simples casualidade.

E pelas lojas, pelos centros de cavaqueira, falou-se largamente de tenebrosas quadrilhas de bandidos, chegando-se até a apontar nomes de imagináveis facinoras: Fulano e Cícero pertenciam, sem dúvida, à monstruosa seita... e Beltrano também estava comprometido...

Os jornais de Lisboa, alarmados, chamavam sobre o caso a atenção das autoridades, pedindo a descoberta dos perigosos quadrilheiros que ficaram sendo conhecidos pelos «Incendiários de Mafra».

Foram organizadas várias batidas pelas imediações, percorrendo-se montes em todas as direcções, não se encontrando, todavia, nada de suspeito, apesar do testemunho de almas crédulas e sugestionáveis, que asseveraram ter «visto» os criminosos, de perto.

E com a certeza de que os bandidos tinham fugido, emigrado para outras terras, deixando à sua passagem um rastro de terror — quais Cavaleiros do Apocalipse em assombrosa cavalgada de ódio à humanidade — a gente de Mafra sossegou, a despeito dos jornais continuarem a noticiar novos incêndios, mas já em terras mais afastadas.

Ora estes factos passaram-se há, aproximadamente, oito anos.

Mas, recentemente, uma carta anónima dirigida ao administrador do concelho, sr. capitão Pompeu, veio, novamente, pôr a questão de pé, apontando às autoridades o nome dos criminosos incendiários.

Fizeram-se investigações inteligentes que tiveram por remate a prisão de vários indivíduos, os quais aguardam, na cadeia da vila, o momento de prestarem contas à sociedade, pelos crimes cometidos.

QUEM SÃO OS PRÊSOS

Os criminosos caídos sob o Index da Justiça são nem mais nem menos do que as próprias vítimas: Alberto Bento e Francisco Bento, primos, e, ainda, o irmão deste último, João Bento.

Na prisão de Mafra avistei-me primeiramente com o Alberto Bento. Está completamente à von-

tade, podendo à primeira vista julgar-se que é êle o carcereiro, nos aposentos do qual recebe as suas visitas.

Quarenta anos bem conservados, atraentes. Espírito desconfiado, agudo e inculto. Fala com extremas precauções, pensando bem todas as palavras que pronuncia. Foge a fixar-me, pregando os olhos no chão.

E' acusado por seu primo Francisco de o ter mandado deitar fôgo ao seu edifício da Bandalhoeira. Nega! Nega por sistema, com obstinação, atribuindo a acusação do primo a inveja de negócios.

— «... Que não tinha necessidade de fazer arder a propriedade para receber o dinheiro do seguro, — declara — porque o prédio valia 80 contos e só estava seguro em 28... Não lhe convinha, assim, que o prédio ardesse, porque sucedendo isso perderia muito dinheiro...»

No entanto, fóra da prisão informaram-me de que



Francisco Bento

a referida propriedade fóra por êle adquirida, pouco tempo antes, apenas por 8 contos.

Um simples engano de cifra, como se vê...

O João Bento, que é acusado, também pelo Francisco, seu irmão, de ter sido o incendiário do casal deste último e a seu próprio mandato, é mais franco, mais simples, ou... mais esperto.

Tem 28 anos, vigorosos, pujantes. Com ingenuidade, historia: Uma noite, há cerca de oito anos, o meu irmão Francisco, depois de me ter oferecido de jantar e quando eu já estava um pouquinho «entornado», disse-me para eu ir lançar fôgo ao seu casal do Livramento, a fim de êle poder receber o dinheiro do seguro e mandar construir, depois, uma outra casa, sólida e de mais valor do que o casal, que estava a cair aos bocados. Sem saber o que fazia, acompanhei-o ao casal, e... não me «alembra» de mais nada a não ser que acordei no dia seguinte, deitado na minha cama...

E' o mais simpático dos três. Na altura do crime contava 20 anos e, com essa idade, muitas vezes, não se pesam as responsabilidades.

O último que visitei foi o Francisco. Logo à primeira vista fiquei mal impressionado com êle, com a sua figura marcadamente cínica, com os seus modos. Será, talvez, o mais tórpe. Entretanto, é o único dos três que ali está sob regime rigoroso, na cela comum, em companhia de outros criminosos.

Recebe-me com desconfiança — a desconfiança que a prática de 40 anos de vida lhe dá. Tem livros e jornais sobre a tarimba. Fuma nervosamente e não quer falar mais... «Já disse tudo o que tinha a dizer». Sorri-se irónicamente quando lhe nomeio o primo, falando nos argumentos de defesa por êle apresentados.

Quando o fotógrafo dispara o tiro de magnésio, sobressalta-se, tentando fugir com a cabeça à objectiva.

Alguem o avisara para não se deixar fotografar. E em face da estranha insistência do carcereiro para que saíssemos, não tivemos outro remédio senão o de nos retirarmos.

AQUI JAZ...

Ao atravessarmos o largo fronteiro ao magestoso convento, fomos abordados por um tenente do Exército, que nos perguntou:

— São os senhores os representantes do Reporter X que cá vieram tratar do caso dos incendiários?... — e perante a minha afirmativa, continuou: — Eu sou o tenente A. N.! Soube da vossa estadia aqui e, como o assunto me interessa, desejava saber qual é a vossa opinião acerca dessa reportagem...

Muito embora a interrogação se me afigurasse estranha e aguardando uma explicação concreta, respondi:

— E' um caso banal, que está fóra da indole do nosso jornal...

O tenente A. N., num sorriso, elucidou:

— O que se refere a estes prêsos é, de facto, banal, mas existiu em Mafra um terrível incendiário, que ainda há pouco tempo se entregava a negregados actos de bondoleirismo e que as autoridades nunca conseguiram capturar. Se quiser aproveitar o assunto, posso fornecer-lhe elementos.

Adivinhei um desses assuntos palpitantes que ao jornalista surgem sempre por simples acaso. Retorqui pois, já curiosamente interessado:

— Se o assunto me servir, decerto que o aproveito...

— Então, para começarmos, vamos fazer uma visita ao cemitério da vila. Tenho ali um carro à nossa disposição.

No cemitério, fomos conduzidos junto a um mausoleu raso, em cujo mármore se via gravado a letras negras:

Aqui jaz Antonio de Sampaio Mesquita, que faleceu aos dezoito de Abril de mil novecentos e trinta, com trinta e quatro anos de idade.

Foi um combatente da guerra.

Quando acabei de lêr o singelo epitáfio, o sr. tenente A. N., apontando o túmulo, informou:

— Pertence ao mais audacioso quadrilheiro português do século XX. E' uma história comovente a ublilhar, como um estigma fatal, a vida dum desventurado... Mas, vamos antes para minha casa, onde terei muito prazer em os receber e lhes contarei o trágico passado do homem que está sob esta lage.

O automovel que ali nos levava, conduziu-nos a casa do tenente A. N., situada mesmo no centro da histórica vila.

E o simpático oficial do Exército, satisfazendo a curiosidade de que eu estava possuindo, começou:

— Conheci-o na Grande Guerra, fazendo parte da 6.ª Brigada portuguesa, a do norte. Na tropa tratavam-no simplesmente por cabo Mesquita. Pois bem! O cabo Mesquita, o mesmo homem cujo

(Conclui na pag. 14)

Como se faz escravatura branca em Portugal

No último artigo que publicámos sobre escravatura branca em Portugal, declaramos que interromperíamos por algum tempo as revelações verdadeiramente sensacionais que vinhamos fazendo sobre o assunto. Assim procedemos, com efeito. Isso valeu-nos, porém, a queda de uma avalanche de cartas de todos os cantos do país, pedindo-nos que continuássemos. Entre essas cartas, na sua maioria anónimas, uma trazia uma informação preciosa: Armando Marques Silveira, o *caftan* do Porto a quem já largamente nos tínhamos referido, vinha a Lisboa em alto negócio, em grande traficância de mulheres.

A informação era boa. Havia, porém, uma dificuldade para aproveitá-la: ninguém no *Reporter X* conhecia pessoalmente o Silveira. Esta ignorância, que nos desesperava, não impediu que por nossa parte aturadas investigações se fizessem. E, favorecidos umas vezes por uma sorte extraordinária, outras contrariados por um azar quasi infernal, conseguimos... o que adiante se vai ler.

O PRIMEIRO ENCONTRO COM O TRAFICANTE

Na noite de 3 do corrente, o nosso redactor Idílio Ferreira, à porta da «caixa» do Variedades, no Parque Mayer, era apresentado, usando o suposto nome de Mario Ferreira, a um sujeito baixo, chapéu de côco, sobretudo exageradamente comprido, tipo caricato de comédia cinematográfica: o sr. Armando Silveira.

Decididamente, a sorte favorecia o *Reporter X*. O grande traficante de carne branca, o homem que tem levado a desgraça a tantos lares, que tem empurrado para o enxuro tantas mulheres, o objecto exportador de carne de amor venal para a America do Sul, estava ali nas nossas mãos! Idílio Ferreira, o hábil reporter que tanto se tem distinguido nestas reportagens difíceis, não o deixaria escapar.

Depressa se estabeleceu entre o jornalista e o traficante uma certa intimidade. Julgando-se em presença de um Mario Ferreira de moral tão reles como a sua, não teve dúvidas em acompanhá-lo nessa mesma noite em uma ceia num restaurante do Parque Mayer.

O amigo que os apresentara ajudou subtilmente as intenções do jornalista, dizendo a certa altura para o *caftan*:

—Aqui o Mario Ferreira, que tem muitos conhecimentos na Polícia Marítima, pode ajudá-lo a resolver algumas dificuldades do embarque das raparigas para a Argentina.

Armando Silveira agradeceu a oferta. Viera — confessou — precisamente a Lisboa para fazer embarcar duas mulheres.

—São de Leiria — esclareceu o traficante. — No dia 15 é que há mais trabalho. Venho eu ou meu irmão com quatro mulheres para Lisboa.

Depois, durante a conversa referiu-se

à D. Margarida, de Bemfica, que os leitores já conhecem, dizendo que se encontraria com ela no dia seguinte às duas da tarde na «Bijou» da Avenida da Liberdade.

O nosso redactor, para não despertar desconfianças, não insistiu demasiado durante a noite no melindroso assunto. Prometeu aparecer no dia imediato na «Bijou» e despediu-se.

O EXPORTADOR, A INTERMEDIÁRIA E DOIS «PACOTES» DE EXPORTAÇÃO

Efectivamente, às duas horas, Idílio Ferreira, que anda de luto, foi rondar a «Chic», tendo tido o cuidado de se vestir de claro para não despertar em D. Margarida algumas recordações perigosas.

A uma mesa encontravam-se quatro



O amor nimbado de beleza espiritual...

personagens: Armando Silveira, D. Margarida e mais duas raparigas. A chegada do jornalista, Silveira fez apresentações:

—O sr. Mario Ferreira... D. Margarida, a menina Izaura, a menina Maria Noémia...

D. Maria não reconheceu no suposto Mario Ferreira o Idílio que estivera em sua casa há pouco tempo. A menina Izaura é uma rapariga de 23 a 25 anos, franzina, pálida, escorrida. Na face muito pálida brilham-lhe uns grandes olhos, negros, profundos, que fitam interrogadores o reporter. A Maria Noémia é uma mulher franzamente bonita, cabelo preto, olhos escuros, corpo roliço, carne para prazer. Dela ressuma, porém, um quê de ordinário. Lembra uma bonita criada de servir, bem enroupada. Esta impressão transformou-se em uma certeza quando

ela, fazendo boquinhas, resolveu falar. As asneiras gramaticais atropelavam-se. Dizia com frequência: Quando nós vieramos... Estiveramos até à noite... Chegamos cedo...

A Izaura, embora sem instrução, é um pouco mais delicada a falar. Nem uma nem outra fazem a menor ideia do que seja ou onde fique a Argentina. A sua mentalidade tacanha, que não as deixa apreciar distâncias geográficas, impede-as de fazer do amor uma ideia elevada e generosa. Aquêl amor elevado e romântico, nimbado de beleza espiritual, com que os nossos avós encheram toda uma literatura, toda uma época, é para elas e para as pessoas que negociam a sua carne apetitosa um grande negócio que excede as fronteiras de uma pátria e se transforma em mercadoria negociável através do mundo.

A pessoa mais culta, embora aparente mais do que a realidade, é D. Margarida, que na conversação mete uma vez por outra algumas palavras em francês.

Referindo à dificuldade em tratar à frente das raparigas de assuntos de tráfico, disse ao nosso redactor:

—A' bon entendeur...

E o jornalista bem os compreendia a todos: ao sr. Armando Silveira, chefe do bando, a D. Margarida, intermediária sem escrúpulos, e às duas raparigas, matéria bruta e negociável que uma educação deficiente predispõe para o destino que abjectos *caftans* lhe preparavam.

Em dado momento a conversa tomou um rumo bastante melindroso para o nosso redactor. Falou-se do *Reporter X*. Armando Silveira, que, ali à mesa da «Bijou», se sentia um rei déspota e todo poderoso a quem o mundo deveria obediência, tomou uns grandes ares de pessoa importante e, depois de se referir aos nossos artigos sobre escravatura branca, chamou-nos bandidos e estúpidos.

Idílio Ferreira, afectando grande convicção, confirmou com um movimento de cabeça. Mas Silveira teimou em desabafar contra o *Reporter X*.

—Aqueles malandros não sabem com quem se meteram. Não me fazem diferença as dentadas que esses cães me dão nas canelas. O Mario Domingues já eu conheço. Não lhas pouparei. Só me falta conhecer o tal cavalheiro que andou a fazer as reportagens. Tenho aqui o nome dêle.

E, puxando de um livrinho de capa de cabedal, leu:

Armando Silveira, o grande negociante de mulheres, anda, sem saber, durante alguns dias acompanhado por um redactor do *REPORTER X*, confessando os seus projectos e queixando-se dos entraves que o nosso semanário tem posto ao seu abjecto negócio

—E' um tal Idílio Ferreira Vitorino. Disfarçado em Mario Ferreira, o nosso redactor escutou imperturbável aquelas alusões à sua pessoa.

—Hei-de descobrir onde este tipo mora — prosseguiu o traficante de mulheres. — A curiosidade dêste menino devia custar-lhe um tiro na cabeça.

D. Margarida interveio a esclarecer:

—Esse é o tal badaméco vestido de preto que esteve na rua da Rosa e foi falar-me de negócios no Lobito. Quem teve a culpa foi a porca da Albertina, que lá mo levou. Já pedi ao Augusto (?) para descobrir o seu paradeiro. Há-de pagarmas...

Idílio Ferreira, sem se desconcertar, reforçava os improperios:

—Está claro!... São uns patifes!...

E dirigindo-se ao Silveira, perguntou:

—E essas reportagens prejudicam-no?

O Silveira respondeu com o seu ar superior:

—Não, não me prejudicaram. Surgiram apenas algumas dificuldades que eu espero vencer. Tenho muita influência e o dinheiro pode muito...

A moral daquêl homem era o dinheiro — o dinheiro ganho pela forma mais abjecta e revoltante que se pode conceber. Para estes Armandos Silveiras viverem bem e acumularem dinheiro andam milhares de raparigas pelas ruas das grandes capitais, trilhando uma senda ignobil, dando às mulheres honestas o exemplo enganoso de um luxo obtido por amargas transigências da carne e do espirito, transformando o amor — sentimento elevado e puro — em um Carnaval nojento, feito de lama doirada.

D. Margarida saiu com as duas raparigas. Foi passear as pupilas. O Silveira e o jornalista também pouco se demoraram na «Bijou». Andaram passeando por muito tempo Avenida abaixo, Avenida acima. Chegou a hora de jantar. O representante do *Reporter X* não queria abandonar a sua presa, e convidou-o a ir comer ao «Caldo Verde». Quando entraram naquele restaurante, um rapaz novo, alto, trincheira clara, olhos scintilantes, a quem o Silveira tratou por Manuel, reteve-o uns minutos conversando em voz baixa. Aquele rapaz já cumprimentara o Silveira na Avenida. Que espécie de confidências seriam as suas? O jornalista nada conseguia ouvir. Silveira, por sua vez, nada deixou transparecer. Depois de jantar encaminharam-se, como amigos velhos, para o Parque

Mayer e bebericaram umas cervejas enquanto a digestão se fazia pacificamente.

Durante a conversa, o reporter tentou saber onde se hospedava o Silveira. Este, porém, iludiu sempre as respostas. O *caftan*, embora não desconfiasse que o companheiro era o seu inimigo redactor do *Reporter X*, procedia, no entanto, com toda a prudência.

De madrugada, depois de terem passado algumas horas estovadas no «Galo de Ouro», onde tantas mulheres vítimas de outros Silveiras fazem estendal da sua miséria doirada, o traficante alugou um *taxi* com a intenção amável de conduzir



Um difficillimo instantâneo, tirado sem que ninguém desse por isso. A' esquerda o nosso redactor Idílio Ferreira; à direita, o «caftan» Armando Silveira

o jornalista a casa. Sem se desconcertar, Idílio mandou seguir para o Largo de S. Domingos e ali, despedindo-se à pressa, disse que morava em umas escadinhas onde o automovel não podia subir.

Assim terminaram as primeiras vinte e quatro horas de reportagem junto de um dos maiores traficantes de carne branca que o nosso país conhece.

O DIA DOS PRECALÇOS — TUDO A DESCOBERTO — SILVEIRA DESAPARECE

No dia imediato—5 do corrente—deu-se o primeiro grande precalço da reporta-

gem. A sorte deixava de proteger o nosso redactor. Tinham acabado de entrar na *Chic* — o Silveira e o jornalista — quando surgiu de repente o sr. Manuel (o mesmo que na vespera aparecera no restaurante «Caldo Verde»), que, chamando o traficante de parte, lhe mostrou um papel, ao mesmo tempo que fitava os seus olhos em Idílio Ferreira. Em seguida, Armando Silveira, visivelmente mal humorado, despediu-se sêcamente dizendo que tinha de acompanhar aquêl amigo, e desapareceu.

O Silveira devia saber, a partir daquêl momento, quem era aquele rapaz amável que havia dois dias o acompanhava com tanta insistência. Nêsse dia o reporter não o procurou mais. Vinte e quatro horas depois iniciava-se, porém, um curioso jogo de escondidas. No dia 6, à tarde, quando mal se precatava, o sr. Armando Silveira estava sendo cordialmente cumprimentado por Idílio Ferreira, à porta da «Bijou». Nêsse momento um *taxi* passava discreto por eles. Levava dentro um fotógrafo, que assestou a objectiva. O tiro fotográfico, porém, falhou. O Silveira, que não percebera a manobra, estava com sorte.

Desceram ambos lado a lado, cada um pensando muito no intimo o pior possível um do outro, embora aos labios apenas viessem palavras banais, quasi afaveis. Junto da Brasileira, no Rossio, o Silveira pretextou ter que ir falar a um amigo e entrou no café. O jornalista foi espreitá-lo através dos vidros da rua Primeiro de Dezembro. O Silveira demorou-se pouco. Mal se apanhou à vontade, saiu metendo-se em um *taxi*. Notou *taxi* o jornalista seguiu-o. O Silveira entrou para a escada do Consulado Brasileiro. Devia andar na faina dos passaportes. Embarcariam as raparigas no Lourenço Marques para Santos, conforme já ouvira dizer por alto?

Depois, o Silveira deixou de aparecer nos locais do costume. Só dois dias decorridos o nosso redactor o viu na estação do Rossio sumindo-se, apressado, olhos pretos investigando para todos os lados, no «rapido» do Porto.

Cá o esperamos à volta...

REPORTER MARIO

REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

CRIMINOSO POR AMOR E BONDADADE



José Fernandes

SERIAM umas três horas da tarde quando Joaquim Melo, nosso antigo condiscípulo no Colégio Francês, se encontrou comôco à mesa do café, onde nos pegámos de conversa. E quando tornámos à realidade, já havia muito que anoitecera. As horas tinham decorrido sem darmos por isso, de tal maneira nos absorvera, nos hipnotizara a história dolorosa que o Melo nos contara.

Não é Joaquim Melo pessoa de larga fantasia. Prefere, pelo contrário, aos vãos da imaginação a realidade nua e crua, sem retoques artísticos, tal qual a vida a engendra. Por isso acreditei no que êle me disse como em um livro aberto. Não tinha o direito de duvidar da sua sinceridade.

ONDE PODE CONDUZIR O AMOR POR UMA MULHER

— Aquêlê homem — contava o Melo — não precisava de roubar. Tinha bastante de seu, que lhe chegava para viver sem preocupações o resto dos seus dias. José Fernandes era estruturalmente uma pessoa honesta. Incapaz de tocar em um centavo que não lhe pertencesse, eu não sei como de um momento para o outro perdeu a cabeça e se transformou em um ladrão. Você conheceu o José Fernandes?

— Conheci-o muito pouco. Vi-o uma ou duas vezes apenas, depois da sua prisão. Deu-me a impressão dum vencido.

— Sim, a prisão fê-lo sofrer muito. Êle tinha sentimentos, não era uma alma vulgar. Aquêles meses de Limoeiro venceram-no, esmagaram-no. Envelheceram-no vinte anos. O cabelo embranqueceu-lhe por completo. E tudo por amor de uma mulher.

— De uma mulher?

— Sim. Você ignorava talvez êsse pormenor na vida daquêlê homem, êsse pormenor que era tôda a sua história íntima, êsse pormenor que foi afinal a sua perdição, a sua morte.

Joaquim Melo acendeu mais um cigarro, sorveu um gole de café, intercalando na conversa uma longa pausa que nos encheu de impaciência.

— José Fernandes, que já não era muito novo — contou-nos o antigo condiscípulo — vivia há anos maritalmente com uma rapariga, uma amante que êle estimava como se fosse sua própria mulher. Não via outra coisa nesta vida. Foi para ela mais do que um amante, foi um pai, e para a família dela um protector desinteressado. Uma irmã dessa mulher, uma rapariguita nova, uns quinze anos bonitos, primaveris, fôra criada desde tenra idade em sua casa, educada à sua custa, como se fosse filha dêle.

— José Fernandes estava convencido de que a amante, a sua Leonor, se não o amava com uma paixão cega e absorvente, experimentava por êle uma ternura filial profunda, e um respeito a que tinha jus.

— Uma ideia muito íntima o torturava: que Leonor ficasse em más circunstâncias após a sua morte e que fosse impedida para uma senda deshonesta por dificuldades económicas. Alguma coisa que lhe poderia deixar e que para qualquer viuva mais modesta e menos gastadora seria mais do que suficiente, para Leonor — e êle bem a conhecia — não chegaria para manter os seus hábitos de luxo, os seus caprichos menos dispendiosos. Só uma sólida fortuna a colocaria ao abrigo dos precalços a que os seus hábitos caros a poderiam expôr. E como não tinha essa grande fortuna dispôs-se a conquistá-la por qualquer preço, mesmo o da sua honra até então invulnerável.

UMA HISTÓRIA QUE REVELA UM CARÁCTER

— Parece-lhe uma história banal o que estou contando? — perguntou Joaquim Melo, reparando que a nossa atenção era diminuta. E sem aguardar a nossa resposta prosseguiu quasi com impaciência: — Vou citar-lhe alguns pormenores da vida dêsse homem, pelos quais verificará quão alevantados eram os seus sentimentos. A sua paixoneta por uma mu-

lher frívola pode não definir plenamente o seu caracter, o seu admirável coração. Escute, porém, êste caso e avalie por êle o homem a quem me refiro:

— José Fernandes, por motivos que ocioso seria citar, encontrava-se de relações cortadas com um alfaiate de quem fôra muito amigo. Um dia, encontrando-se, por acaso, com um oficial de diligências seu conhecido, soube em conversa que êle iria no dia seguinte ao meio dia arrestar os bens do referido alfaiate. Fernandes escutou esta informação com mal dissimulada indiferença. Disse mesmo ao oficial de diligências que pouco lhe importava a sorte do alfaiate com quem andava de mal. No dia seguinte de manhã, Fernandes encaminhou-se para a rua onde o seu adversário tinha a alfaiataria, entrou em uma barbearia próxima, conversou de várias futilidades e, em determinado momento, deu uma novidade ao barbeiro: «Então, já sabe? Morreu o alfaiate aqui do lado!» O barbeiro de nada sabia. Mas, com aquêlê feitio muito peculiar nas pessoas da sua profissão, foi espalhando a noticia. Gabaram-se, como é de uso, as faculdades do alfaiate, inventaram-se até pormenores sôbre a morte do homem. Mal



Um dia surpreendeu Leonor em flagrante

saiu do barbeiro, Fernandes dirigiu-se à alfaiataria. «Então vocês estão assim tão contentes e o vosso patrão morto dêste esta madrugada?!» Os empregados, ao escutarem estas palavras, queda-

ram estarecidos. Mas Fernandes afirmava com convicção: «Morreu esta madrugada com uma sincope cardíaca. Perguntem aí à vizinhança.» O barbeiro já se encarregara de espalhar a triste novidade, e os empregados, muito tristes, fecharam a porta da alfaiataria, onde colaram a cruz negra, fatídica. Quando o oficial de diligências chegou para fazer a penhora deu com a cruz negra, e, como em caso de morte não se podem fazer arrestos, voltou para a Boa-Hora convencido de que o alfaiate tinha falecido. Era isso precisamente o que Fernandes quisera alcançar com a série de boatos falsos espalhados sôbre a morte do alfaiate. Livrara o adversário de uma catástrofe.

UMA CONFIDÊNCIA QUE ABRE AS PORTAS DA PRISÃO

«Cêrca de uns dois anos antes da sua morte, José Fernandes deu em andar cabisbaixo, misterioso. Fechava-se no seu gabinete de trabalho com visitantes estranhos e mantinha com êles conciliábulos secretos. Leonor pouco caso fazia destas atitudes de Fernandes, pois as relações amorosas que vinha mantendo com Eduardo Mesquita absorviam-lhe tôdo o tempo e tôda a atenção.

«Um dia, Fernandes chamou Leonor e, com as lágrimas nos olhos, confidenciou-lhe:

— «Minha querida: sabes quanto te estimo. Não ignoras tampouco que sou capaz de tôdos os sacrifícios para te fazer feliz e á tua irmã, a quem estimo como filha. Meti-me em um negócio ilícito, com o qual ganhei muito dinheiro. Sentia-me velho e queria por êsse processo deixá-las ao abrigo da miséria. O que ganhei agora chega para o resto dos vossos dias em plena abundância. Um precalço sobreveio, porém, que me obriga a esconder-me da perseguição da Justiça. Enquanto andar a monte nada vos faltará. Nunca terás necessidade de, por miséria, te venderes ou me atraíçoares. Eu sou um dos falsificadores de papeis de crédito, que tanto alarme causaram no público. Tenho que me pôr a salvo e se, por acaso, fôr apanhado, nada receies, Leonor, porque tôda a minha fortuna te pertencerá, sem que a Justiça encontre forma de a apreender».

«Depois destas palavras José Fernandes abraçou a amante e a irmã desta e foi

esconder-se em lugar seguro. Ninguém mais sabia do seu paradeiro senão Leonor. Decorreram meses sobre meses e um dia, aconselhado por Eduardo Mesquita, que se dizia seu amigo, José Fer-



A multidão, ansiosa, precipitou-se para o local

nandes apresentou-se á prisão. E, como no fundo era um bom, quis tirar o máximo partido da sua atitude tomando sôbre si tôdas as responsabilidades que pesavam sôbre os seus cúmplices.

«Na sombra, Eduardo Mesquita manobrava por forma a tornar a situação de Fernandes cada vez mais grave: roubava-lhe a mulher, cavava-lhe o abismo — e preparava-se para gastar a fortuna que, com sacrifício da sua honra, o pobre amante enganado deixaria á mulher adorada.

O DESENLAÇE FATAL

— Homem — dissemos nós, emocionados — isso parece mais um romance da sua invenção do que uma scena da vida real.

— Dou-lhe a minha palavra de honra — asseverou Joaquim Melo — que nada acrescento da minha imaginação. Pelo contrário, muitos pormenores omito por desnecessários. De resto, você conhece um pouco esta história no seu aspecto exterior; desconhece, porém, estas intimidades, que não são faceis de averiguar.

«Na prisão, o Fernandes vivia convencido de que Leonor apreciava devidamente tôdos os sacrifícios que êle fazia por ela. Fizera-se criminoso por amor, por bondade, bem merecia dela, pelo menos, uma ternura fraternal. A certeza de que ela o estimava emprestava-lhe uma grande resignação. Aguardava serenamente o destino, convencido de que havia cumprido o seu dever.

«Ele tinha ordem para sair algumas vezes da cadeia, acompanhado por um guarda, a fim de sujeitar-se a um tratamento nos dentes, e aproveitava, por vezes, êsse ensejo para visitar o lar, onde fôra tão feliz junto dessa mulher que amava perdidamente. Aguardava ansiosamente êsses dias em que poderia, por grata surpresa, — pensava — contemplar o rôsto querido da amante por quem sacrificara a reputação, a honra, o sossego e felicidade da sua existência. Êsses momentos compensavam as tristezas e remorsos que o oprimiam na sua prisão, ao recordar os seus delitos. E um dia... Um dia surpreendeu Leonor em flagrante com o Mesquita, que êle considerava o seu melhor amigo. Tremenda catástrofe moral foi a dêsse homem! Derruíram todas as suas ilusões! Desfizeram-se em pó tôdos os seus sonhos!

«Enquanto o Mesquita fugia, Fernandes, mais acabrunhado do que feroz, sublinhando com um sorriso triste as suas palavras, disse à amante: «Poderia estoirar-te a cabeça com um tiro (e mostrou-lhe uma pistola). Mas de nada me valeria essa legítima vingança. A tua morte ou a daquêlê canalha com que me atraíçoaste não me devolveriam a felicidade para sempre perdida.» Chegou-lhe os lábios ao ouvido e murmurou-lhe uma frase. Leonor empalideceu e não proferiu uma palavra. Fernandes destruiu alguns papeis e fez-lhe entrega de outros — os seus bens. Depois voltou as costas ao lar e seguiu o guarda tranqüilamente.

«Na rua pediu ao guarda que entrasse com êle em um café. Desejava ir ao W. C.. O guarda, confiante, esperou-o a uma mesa. Decorreram minutos, meia hora, quasi uma hora. Alarmado, o guarda dirigiu-se á porta do W. C., que estava fechada, e bateu nervosamente. Não obteve resposta. Apreensivo, participou aos criados os seus receios. Houve no café um movimento de curiosidade. Arrombaram a porta e a multidão, ansiosa, precipitou-se para o local. Amarfanhado, um fio de sangue correndo-lhe da fronte, jazia José Fernandes por terra.

«Apesar de lhe ter segredado as suas intenções, Leonor não fizera um gesto, não tivera uma palavra que pudesse evitar a desgraça do amante. Ela preferia-o morto para gozar mais à vontade, na companhia do Mesquita, a fortuna do Fernandes — que fôra criminoso por bondade.»

GUIDO RUIVO

A FAUNA MISERAVEL DAS DOCAS

O "BAS-FOND" DOS GRANDES PORTOS DO MUNDO — UMA RUSGA AO PORTO DE LISBOA — OS HOSPEDES DO "HOTEL PINHO" — FARRAPOS DE SONHO, DE ILUSÃO E DE DRAMAS SOMBRIOS — OS ESTRANGEIROS ABANDONADOS



Um que dormia soterrado em rama de pinheiro, em Alcântara. Vêm-se à esquerda Reinaldo Ferreira, nosso Director, e o capitão Pereira Guimarães, que dirigiu a rusga

TÓDAS as grandes capitais têm o seu *bas-fond*. Sob a maquiagem feérica dos seus arcos voltaicos, dos seus mil divertimentos, das suas inúmeras atracções, das suas ruas em festa, dos seus estabelecimentos iluminados e adornados, lembrando contos de mil e uma noites, existe o subterrâneo tenebroso da miséria e do crime. Essa multidão de miseráveis que vive sob as cidades alegres e buliçosas como toupeiras sob um campo florido é quasi ignorada da população pacata que trabalha e se diverte à luz clara do sol. Quem a quiser conhecer na sua vida cercada de trevas, tem que, por sua vez, mergulhar na treva, a horas mortas, a horas de silêncio, para a surpreender em flagrante, antes que ela tenha tempo de ocultar-se, de colocar-se fóra do nosso olhar curioso.

As cidades, cuja fauna miserável é mais curiosa pela diversidade dos seus aspectos, são as que estão em directa comunicação com os mares, as que são servidas por grandes portos, com o seu labirinto de docas, os seus grandes paquetes, que durante a noite se balançam junto dos cais silenciosos como monstros adormecidos. A essas cidades vêm aportar indivíduos de todas as raças, de todas as nacionalidades, de todos os caracteres. Vêm os aventureiros românticos, jovens que sonham com a liberdade infinita do mundo, com uma peregrinação eterna através de oceanos encapelados, desertos ardentes ou ilhas misteriosas, que a dura realidade despenha do alto do seu sonho na mais crua miséria, e os tarados do crime que um momento de descuido permitiu a fuga de qualquer longínqua colónia penal para outras terras; vêm os marinheiros rudes que um capitão sem escrúpulos abandonou em uma cidade ignorada, à mercê da fome e da nostalgia; vêm os menores que famílias cruéis escorraçaram e que, sem pão, sem trabalho, nem lar, buscam abrigo nos recantos sombrios dos cais, enregelados pela cacimba frigidíssima; vêm os pobres tarados — fauna estranha de beira-mar — que durante o dia vivem da

esmola de outros quasi tão miseráveis como eles e que, à noite, se refugiam em esconderijos seguros, dos quais fazem hotel confortavel.

O Havre, Hamburgo, Londres, Lisboa, grandes gúelas escancaradas perante todos os mares e todos os continentes, guardam nos segredos de suas docas, sob os guindastes apocalípticos que avultam na sombra da noite ou entre a confusão das cargas que os transatlânticos despejam nos seus cais, essa multidão ignara, sofredora, e, por vezes, criminosa, que já não sabe viver senão na treva, vestida de trapos e alimentada pelos despojos da cidade.

O sr. capitão Pereira Guimarães, um *gentleman* que conhece o Porto de Lisboa como as suas próprias mãos, quis ter a amabilidade de nos convidar, uma noite destas, a acompanhá-lo em uma rusga-pelos cais.

Cerca da meia noite, a um canto sombrio da Rua Catorze de Maio, junto à linha do caminho de ferro, agitavam-se alguns vultos. Aproximámo-nos. Logo a silhueta do capitão sr. Pereira Guimarães se encaminhou para nós. Tudo estava a postos para se iniciar a rusga. Pusemo-



Alguns encontrados em um vapor de pesca. No primeiro plano: O capitão Pereira Guimarães que dirige hábilmente estas rusgas

nos em marcha até junto da gare de Alcântara-Mar. Ali dividiram-se os guardas, uns para um lado, outros para outro.

Tudo mergulhava no silêncio da noite. Um vago luar iluminava pálido as coisas, dando-lhes aspectos irreais de sonho. De quando em quando surgia, mal iluminado, o vulto de um soldado da guarda fiscal, envolto na grande capa de oleado. Durante largos minutos, a imaginação excitada por aquela aventura, esperámos em vão uma grande scena de romance policial: bandidos perseguidos a tiro na noite cúmplice; combates sanguinolentos com baques sinistros de corpos que caissem na água. Perpas-



Saindo de uma toca

saram pela nossa mente todos os episódios emocionantes de Whitechapel, de lutas formidáveis travadas pela policia londrina no Tamisa misterioso. Mas o capitão Pereira Guimarães seguia a nosso lado tão calmo, tão senhor de si, dando de quando em vez uma ordem no tom de quem diz uma amabilidade em um salão, que outro remédio não tivemos senão pôr freio à nossa fantasia.

Como que respondendo às nossas íntimas emoções, o distinto cicerone da nossa aventura daquela noite dizia-nos:

— Os bandidos aqui são raros. O que frequentemente se encontra é miséria, muita miséria. São pobre-diabos sem eira nem beira que se acoitam aí pelos recantos. Já vamos encontrar alguns.

Efectivamente, ao longe ouviam-se as vozes enérgicas dos guardas gritando alto. Corremos para o local. A policia revolvía grandes montões de rama de pinheiro. E lá do fundo, um após outro, iam aparecendo alguns bustos de pobre-diabos, que dormiam ali sepultados, tranquilos, a dois metros de profundidade. Saíam assustados, esfregando os olhos, como se aquele aparato de policia fosse

ainda um sonho, um pezadêlo. Moviam-se lentamente, entorpecidos pelo sono e pelo frio, os estranhos habitantes do «hotel do pinho». Alguns murmuravam desculpas. «Tinham chegado tarde à hospedaria, não lhe abriram a porta e abrigaram-se ali». Outros remetiam-se a um silêncio pesado, impregnado de respeito.

Que mistérios as docas, por vezes, encerram! Quantas lágrimas ali se têm chorado, caudalosas, que vão em silêncio perder-se nas águas mansas do rio que corre perto!

De entre as ramagens secas que a policia revolve, saem alguns tipos estranhos que fitamos cheios de curiosidade. Um é alto, sêco, e treme de frio. Através da obscuridade da noite adivinhámos que seu rosto era escuro, amarelado talvez. Outro miseravel como êle, igualmente tiritante, veio colocar-se a seu lado, as mãos nos bolsos, encolhido. Depois mais. Juntaram-se assim uns cinco ou seis. Que figuras tão estranhas! Eu e o Reinaldo aproximámo-nos mais para examiná-los melhor. Falavam entre eles uma lingua barbara, da qual não entendiamos uma única palavra.

— Parecem chineses... — murmurou Reinaldo ao ouvido.

Examinámo-los melhor. Agora falavam português, um português com sotaque africano, muito doce e brando.

Eram caboverdeanos. Pertenciam a essa provincia ultramarina onde os homens nascem ante o mistério do oceano que os seduz e maravilha.

Desde muito pequenos, na sua terra

precisas noticias através das conversas de marinheiros que aportam a São Vicente. E esses informes deslumbram-nos. Têm sempre parentes distantes, em continentes longínquos de onde mandam dizer maravilhas. E às vezes essas maravilhas ocultam a terrível verdade de amargas desilusões.

O sonho embala-os. O desejo de serem felizes impele-os para a aventura. E um dia, sem garantias, sujeitos aos piores trabalhos e à pior paga, tratados como animais pelos comandantes nordicos ou americanos, que têm pela raça negra um desprezo inaceitavel, embarcam pela primeira vez. Humilham-se aos vexames da marinhagem loira, comem os sobejos que por favor lhes dão e ainda ficam agradecidos. Em Lisboa ou noutro qualquer porto da escala, os comandantes, se não necessitam mais dos seus serviços, desembarcam-nos, dão-lhes licença para passearem. Dizem-lhes que o vapor sai, por exemplo, às quatro horas, mas abalam às duas.

E quando os pobres iludidos, ainda deslumbrados pela contemplação de novas terras e novos costumes, se apresentam no cais, à hora marcada, para embarcarem, reparam que caíram em um lôgro ignóbil. O navio fugiu-lhes com roupas, dinheiro, com todo o pequeno mundo da sua escassa bagagem, deixando-os ali, desorientados no cais, entre pessoas indiferentes que raro se condoem da sua fome e das suas ilusões.

Aquêles caboverdeanos pertenciam à mesma estirpe de ingénuos africanos ilu-

aquele cortejo lugubre, debaixo de escolta, a caminho da cadeia.

Pobres sonhadores!

A policia tratava-os quasi carinhosamente. Os guardas tambem têm um coração facil de comover. Cumpriam a obrigação de levá-los presos — para mais tarde ou mais cedo voltarem a prendê-los ali, no cais que os atrai e fascina, obrigando-os a seguir eternamente aquela existencia miseravel.

Depois viemos percorrendo toda a doca de Alcântara, em cujas aguas sere-



O espanhol Manuel Martins, de 15 anos, que arranjou um quarto incozível

nas se reflectiam em tremulos fios luminosos os arcos voltaicos da cidade fronteira. A' aproximação da policia acordavam alguns guardas de barracões, que vinham em camisola e espreguiçando-se prestar as suas informações. «Que não, que não viram por ali pessoa alguma suspeita.» Mas a policia investigava sempre, procurava sempre, conhecedora dos locais onde habitualmente os miseráveis se escondem. E de onde em onde lá surgia um desgraçado.

Agora era um austriaco, tipo de marítimo, loiro, que recebeu alegre e sorridente a visita da autoridade. Iria dormir debaixo de telha e isso dava-lhe prazer. Não tinha trabalho. No seu calão de marítimo explicava que procurava sempre uma ocupação e não a encontrava. Depois surgiu um marinheiro alemão, amigo do austriaco, que arrastava pelas docas uma vida igualmente atribulada.

Deixámos Alcântara, revistámos as fragatas de Santos. Também lá havia gente. A leva ia avultando. No Cais do Sodré, em canoas abertas ao relento, dormiam três ou quatro desgraçados, os fatos húmidos da cacimba. Em um depósito



Um grupo de vândios encontrados no «hotel do pinho», em Alcântara

árida, que a fome de quando em quando ensombra de tragédia, habituam-se a sonhar. O mundo abre-se ante os olhos na imensidade azul do Atlântico. Sentem uma vaga nostalgia de outras terras de onde não colhem senão vagas, im-

ditados pela miragem de um grande mundo desconhecido.

Conheciamo-los bem. Sabiamos quanto seus corações eram simples e quanto custava ao seu brío, ainda não enfraquecido pela miséria e pelo desamparo,

COMO SE ALUGA O TALENTO

Uma fábrica de erudição que um português fundou em Paris constitui um negócio que nem lembraria ao Diabo — Revelações curiosas do jornalista Jean Ribot

JEAN Ribot, um talentoso jornalista suíço com quem travámos há anos amistosas relações em Barcelona, esteve há tempos de passagem em Lisboa, a caminho de Buenos Ayres. Ribot nunca estivera em Portugal e eram raros os portugueses que conhecia pessoalmente.



Um demagogo que bebeu a inspiração na «Agência do Talento»

mente. Modesto até ao exagêro, mas amigo do seu amigo, não quis passar por esta cidade sem nos vir dar um abraço.

No dia da despedida fomos ambos, muito discretamente, almoçar ao Tavares — um almoço que não alcançou publicidade no *carpet mondain*, nem teve foguetes de retórica ao *toast*. Desfiámos as nossas recordações do tempo em que êle, como nós, viveu o jornalismo intenso e, por vezes, bem perigoso, dos acontecimentos de Barcelona revolucionária.

Pouca gente mais se encontrava almoçando nêsse dia no elegante restaurante da Rua do Mundo. Era um pouco tarde. A maioria dos convivas habituais já se tinha retirado. Apenas, um pouco mais além, um inglês e uma inglesa feia, tipo de turistas que andam passeando a sua fealdade e a sua fortuna por êsse mundo, monossilabavam possivelmente palavras amorosas, e, a outro canto, mastigando com lentidão, afagando de quando em vez a sua soberba cabeleira negra e farta, o Antunes, o Marques Antunes das

Alfândegas, dir-se-ia completamente absorvido pelo importante trabalho de degludir.

Em determinada altura, Ribot, fazendo reparo na cabeleira do outro comensal, disse-nos:

— Parece-me que conheço aquêlo cabelo de qualquer parte.

— E' possível — dissemos, procurando espertar-lhe a memória. — Aquêlo homem é muito viajado. E' um dos portugueses mais cultos da nossa terra.

— Como se chama êle?

— Marques Antunes — respondemos. — E' empregado superior das Alfândegas.

Pelas nossas indicações não deu Jean Ribot mostras de ficar melhor esclarecido. A conversa tomou outro rumo e Marques Antunes esqueceu-nos durante alguns momentos. Só voltou a ocupar as nossas atenções quando, findo o almoço, se aprestava a sair e, dando com os olhos em nós, correu a cumprimentar-nos. Apresentamo-lo a Ribot. Antunes, empalidecendo um pouco, talvez confuso por ser apresentado a um jornalista de grande reputação internacional, confessou-se encantado por conhecê-lo e demorou-se uns instantes de palestra.

— Marques Antunes — dissemos nós a Ribot — tem representado admiravelmente a cultura portuguesa no estrangeiro. As suas conferências são muito apreciadas...

O português, fazendo-se de mil côres, apressou-se a cortar-nos a palavra. Dir-se-ia que as nossas frases não agradavam à sua modéstia. Despediu-se precipitadamente, deixando-nos perplexos. Tentámos desculpá-lo aos olhos do estrangeiro amigo: Antunes pertencia àquella categoria de pessoas que não gostam de ouvir o elogio dos seus méritos.

Ribot, ao escutar as nossas desculpas, soltou uma gargalhada ruidosa de meridional e disse-nos:

— Lembro-me agora perfeitamente de Mr. Antunes. Realmente é um conferencista famoso. Sei do grande êxito alcançado pelas suas conferências proferidas em Espanha, França, Suíça, Bélgica, Holanda, e até em Portugal. Mas eu sou, caro colega, das poucas pessoas que conhecem o segrêdo, o grande segrêdo do talento de Antunes.

E ante o nosso olhar interrogador, Ribot contou-nos:

— Há anos, antes do nosso encontro em Barcelona, estava eu em Paris, em circunstâncias bastante precárias. Como eu, havia alguns compatriotas meus, ar-

tistas polacos, belgas, e um português, grande boêmio, grande espírito, vasta cultura e *blagueur* impenitente. Nem sempre resolvíamos o problema da alimentação e do alojamento. Até que um dia, no café, êsse português genial, cuja morte me obriga a ocultar o nome, exclamou:

— «Descobri uma maneira de resolver o nosso problema. Nós vamos tôdos fundar uma sociedade industrial. Sim, amigos, vamos lançar no mundo uma indústria nova. E' um negócio que não lembra ao Demonio!»

«Julgámos que o português fantasiava mais uma das suas famosas *blagues*. Mas não. O negócio tinha probabilidades de êxito. A., o português, esclareceu então: «Vamos pôr um anuncio nos principais jornais do mundo, mais ou menos concebido nêstes termos: «Aos homens públicos. Conferências, discursos, folhetos, escrevem-se sôbre os mais variados assuntos e enviam-se contra pagamento de 50 % adiantados, guardando-se o maior sigilo do nome do destinatário». Tínhamos realmente descoberto um grande negócio. Em poucas semanas escrevemos



Um conferencista de talento alugado

artigos e conferências sôbre avicultura e geografia, telegrafia sem fios e politica dos Balkans, Historia da China e da Grécia; não houve, enfim, assunto que não abordassemos e, em breve, apesar

(Conclui na pag. 15)

A RESSURREIÇÃO DOS TAVORAS

UMA CONJURA FALHADA SUPRIME EM PORTUGAL ÊSTE TÍTULO ILUSTRE,
UMA REVOLUÇÃO TRIUNFANTE NO BRASIL RESSUSCITA-O GLORIOSAMENTE

CHEGAVAM ao céu, rubras, contorcidas, iradas, convulsas de raivas, traduzindo o protesto da natureza ultrajada, as chamadas altas, tétricas e grandiosas do cadafalso a arder, naquêlo sol-pôsto humido e trágico de Janeiro, depois de cumprida a sentença monstruosa que massacrara, torrara barbaramente, suprimira, exautorara, extinguiu, num vendaval de ódio, a família dos Tavoras.

A multidão, dêdo o amanhecer, contemplara no largo de Belem, curiosa e embrutecida, o suplicio dos fidalgos, ora retraindo-se de pavor, esmagada pelos urros doloridos dos supliciados, ora fascinada pelo toque triunfal dos tambores da guarda.

Correra abundantemente, naquêlo dia fatídico, o sangue azul de três grandes famílias do reino.



General Juares de Tavora

Com a noite acabara o drama. Ali, no lugar do suplicio, restava apenas um monte largo de cinza ardente, que o vento soprava, levantando uma poalha deslumbrante. Dos Tavoras restava somente uma recordação fantasmagórica, uma visão alucinada, irreal, monstruosa, assim como um friso dramático projectado nas nuvens em ascensão para o infinito.

A sentença, lavrada no dia anterior, 12 de Janeiro, pela Junta da Inconfidência, a que presidiam os secretários de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, Tomé Joaquim da Costa Corte Real e D. Luis da Cunha Manuel e a que pertenciam os mais famosos juriconsultos do tempo, atraídos ou dominados por Sebastião José, condenava o velho Marquês de Tavora, D. Francisco de Assis, antigo vice-rei da Índia, grande e prestigiosa figura militar até á prisão, a ser exautorado de todas as dignidades, proibindo que ninguém mais torne a usar o apelido de **Tavora** sob pena de perda dos seus bens; a ser exposto num cadafalso alto; a quebrarem-se-lhe as canas dos braços e das pernas e a ser rodado e a picarem-se as armas da sua casa em tôda a parte onde estiverem; a demolirem-se e arrazarem-se as suas casas, salgado-se o terreno onde estavam edificadas.

E a sentença concluía: A ré Leonor de Tavora, mulher de Francisco de Assis de Tavora, por algumas justas considerações (relevando-a das maiores penas que por suas culpas merecia) a condemnamos somente a que com baração e pregação seja le-

vada ao mesmo cadafalso, que nêle môrra de morte natural para sempre, sendo-lhe separada a cabeça do corpo, o qual depois será feito pelo fogo em pó e lançado ao mar. E com a mesma bárbara segurança, a sentença determina a confiscação de todos os bens, vínculos e títulos da marquesa, indicando depois a forma de suplicio de seus filhos Luis Bernardo e José Maria, do conde de Atouguia e dos demais réus.

Ficava assim fartamente desafrontada a régia dignidade. A fúria de Pombal — grande até no ódio — é que não sossegava. A sua raiva espumava impropérios, cada vez que Policarpo de Azevedo escapava no estrangeiro às armadilhas e traições dos seus agentes. Policarpo de Azevedo fora a alma da conjura; plasticizara o plano de liquidação do seu valimento e poderio, salvo na noite do atentado pelo acaso de um equívoco. Ah! se lhe pudesse deitar a mão!... A sombra do fugitivo ileso era o seu carrasco, era o seu inferno.

Dos Tavoras não ficou nada, não ficou ninguém. A sentença era fulminante como um raio divino. Luis Bernardo de Tavora, casado, não deixara descendência; José Maria fora supliciado quasi criança.

Sobre o drama sangrento de 13 de Janeiro de 1759 rolaram pachorrontamente uns anos. Apenas um obelisco arripiante lembra e repete no lugar do suplicio a sentença tenebrosa. Dos supliciados ninguém fala, não subsiste ninguém; ninguém recorda já os apelidos ilustres.

Mas, no lugar da execução, onde o obelisco, á noite, estende uma sombra agoirenta, ninguém passa. Parece que daquela terra enxarcada de sangue irradia qualquer coisa misteriosa, sôbrehumana. Uma muralha de mêdo preserva e isola o local. Apenas, ás vezes, quando a noite se fecha e escurece numa cumplicidade amorosa, a sombra esguia de um mancêbo deambula em volta do obelisco, fundido na escuridão. É um fantasma. Caminha lentamente, como entregue a uma romagem votiva, até que os primeiros alvôres começam denunciando a manhã. Não se sabe quem é, não se sabe de onde veio, nem o que faz. Supôs-se ser um orfão que há anos vagueia por ali e que todos acarinham e ajudam, dando-lhe de comer e boas palavras. Mas não. O orfão, todos o sabem, recolhe cêdo ao seu tugurio e sempre se levanta primeiro que o sol, para o saudar.

Se é alguém, se não é uma ilusão dos olhos, um delírio, esse mancêbo estranho é uma personagem de outras bandas.

A sombra do mancêbo continua deambulando na terra maldita regada de sangue. O mesmo ritmo no andar, a mesma atitude veneranda de quem cumpre um voto. E na meada do Tempo, dos anos vão fechando voltas.

Deixara porém de aparecer o vulto, desde que uma madrugada pairou uns momentos diante daquela praia gloriosa um barco de alto costado e velas pandas, abertas e cheias como ventres de conegos bem-aventurados...

O orfão que todos estimavam e protegiam, a quem todos davam pão e boas palavras, tinha desaparecido — e ninguém deu pela sua ausência.

Naquêlo barco de alto costado, refugiara-se, no momento da sua paragem, o orfão estimado daquela gente, na noite em que o mancêbo-fantasma fez a última ronda votiva ao local onde se efectivara o drama da execução. E o barco foi descendo o Tejo, cortando as ondas de flancos luminosos, a esteira aberta pelas naus dos descobrimentos. Foi dominando o Mar e a distância, levando no seu bôjo, cheio da ansia de vida, de acção, de verdade, aquêlo orfão vagabundo que estimava e protegiam nas proximidades de Belem.

Aportou ás terras maravilhosas do Brasil, onde

as nossas mãos ávidas e rapaces arrancavam com doentia sofreguidão os milhões e as riquezas, destinados ao delírio da nossa decadência, aquêlo barco bemfazejo, que não transportava escravos nem, á volta, trazia candonga. Na amurada, embaçado pela leve ondulação do barco, o orfão, olhos devorando sedentemente a magnificência da paisagem, de uma sumptuosidade grandiosa, de uma grandeza inesperada e inconcebível, sentia partir daquela terra exuberante, onde a esperança abria os braços na pompa verde da vegetação de inegualável pujança, um chamamento carinhoso, uma solicitação enternecida, um cântico triunfal de saudação e de convite.

Desceu para terra, confiado e heroico, o orfão.



Francisco de Assis Tavora

A terra chamava-o, a vegetação abraçava-o, acariciando-lhe o corpo com as ramagens macias e frescas. Da selva, que percorreu em uma extensão incalculável, sentia uma aragem finíssima, perfumada, deliciosa, como se no coração da selva se guardasse um cuidado jardim.

O orfão percorria maravilhado a terra paradisíaca aberta diante dos seus olhos e dos seus braços, como a dizer-lhe que a possuísse.

Fixou-se o orfão naquelas paragens magníficas onde, mercê de uma longa peregrinação em que seus olhos desvendaram muita maravilha, entendeu que a sua vida podia ser uma bela epopeia de trabalho.

O orfão cumpriu patriarcalmente os ditames salutares que a sua alma já propondo. Vida perfeita, construída por si própria, reproduzindo-se perfeitamente. Multiplicou-se em muitas outras vidas, perfeitas também, que iam penetrando e conquistando a selva, sempre generosa, abundante, fértil e compensadora. Á volta dessa prole que se desdobrava, agitavam-se, na faina continua e cada vez mais larga da conquista e aproveitamento da terra, enxames de naturais indígenas e gentes de longes terras, aos quais tinha chegado a fama da bondade dêsses senhores, que sabiam tratar com generosidade e justiça os pobres que

(Conclui na pag. 15)

HOLLYWOOD OS INCENDIARIOS DE MAFRA

(Continuação da pag. 5)

(Continuação da pag. 4)

que me chamem «vedette» ou «star» de cinema, porque essa palavra simboliza todos os defeitos humanos aglomerados e mais um: o... de ser «vedette» ou «star» de cinema. Dizem que éle pronunciou esta *boutade* pela primeira vez — inspirado por Greta Garbo. Greta Garbo, como toda a gente sabe, era uma modestíssima caixa duns armazens de Stockholmo, sua terra natal, e foi por um acaso da sorte que entrou para o cinema, triunfando por tal forma na «Rua sem Sol» que a «Metro» a «importou»... Foi uma tal ciuqueira entre as «estrelas» como ela veio para Hollywood que o velho Mayer se indignou. Para mostra contar-vos-ei o seguinte: Alice Show, «estrela» que começara a brilhar mas que rapidamente se... apagou por falta de talento e a quem Greta veio substituir nos filmes destinados a ela, não hesitou em pagar cem dolares a um casal de bandidotes para que estes, armando uma cilada à jovem artista sueca, a desmoralizassem ante o público. Essa cilada, que é innarravel, provocou grande escândalo. Felizmente a policia, descobrindo a verdade, prendeu Alice Show, que foi condenada — abandonando definitivamente os «studios». Mayer, para abafar a questão, gastou alguns milhares de dolares. Mas a própria Greta Garbo, a «mulher divina», que na sua mocidade passou miséria, ao vêr-se guindada à categoria de «vedette» tornou-se por tal forma insuportavel e exigente que foi preciso que o director a despedisse violentamente para ela entrar na ordem. A alcuha de Greta Garbo é a de «jovem lord»... pelos motivos contrários que levaram os colegas a pôr o *sobriquet* de «Miss Mexico» a Ramon Novarro...

OS ROUBOS MISTERIOSOS DA «FOX»

«Quem visitar os «studios» da «Fox» encontra à entrada dos camarins o seguinte letreiro. «A direcção não se responsabiliza pelos objectos que desaparecerem aos senhores artistas, que devem portanto fechar cuidadosamente os seus camarins e as suas gavetas». Esta recomendação não é platonica. De 1927 a 1928 os roubos cometidos nos «studios» da «Fox» elevaram-se a 100.000 dolares — em joias, dinheiro e até roupas. William Fox, alarmado, contratou um detective. Uma semana depois o director chamou ao seu gabinete uma dama e disse-lhe: «A senhora tem dois caminhos a seguir: pagar 100.000 dolares e desaparecer de Hollywood de forma que nunca mais a veja — ou entregar-se à prisão e ser julgada como gatuna». Já se vê que a ladra preferiu a primeira hipótese. E se os leitores têm muita curiosidade em saber de quem se trata, pensem um pouco nos nomes das cinco mais famosas estrelas cinematográficas e fixem-se na que bruscamente deixou de aparecer nos cartazes — ou seja desde o ano passado...»

DESMASCARADOS...

Pablo Villegas conclui assim o seu livro: «Charles Chaplin bate nas mulheres; Dolores del Rio é a mais irritante e vaidosa das mulheres; King Victor não hesita em inventar calunias contanto que destrone os outros «metteurs-en-scène»; Buster Keaton é um pandego que enche de desgostos a esposa com as bebedeiras que apanha e com as amantes que possui, tendo sorrido há pouco tempo um processo grave por ter violentado uma menor de 18 anos; Renée Adorée mal sabe ler e escrever; Norma Shearer só pensa em comer; Lily Damita tem uma especial fraqueza pelos galãs do povo, preferindo, nos seus caprichos amorosos, os mais sujos varredores do «studio» aos mais elegantes cortejadores; Marion Davies tem a mania das cartas anónimas, pesando-lhe na consciencia, caso disponha dessa sensível maquina moral, a desarmonia de varios casais e a tentativa de suicidio de um camarada a quem ela, por clumes, torturou, convencendo-o que a esposa o enganava, o que o le-

túmulo visitámos agora, era um dos mais bravos e decididos soldados da minha companhia, sendo muito popular no nosso sector, não tanto pelas suas qualidades de caracter e de intelligência, aliás elevadas, mas principalmente pelos actos de verdadeiro heroísmo que, em campanha, pôs sempre ao serviço da pátria. Assinado o armistício, e pouco depois do nosso Corpo Expedicionário regressar a Portugal, foi o pobre cabo Mesquita licenciado. Como sabia que tinha em mim um amigo, não quis partir para o Porto, terra da sua naturalidade, sem me apresentar os seus cumprimentos de despedida. Coitado! Impressionou-me bastante o seu aspecto doentio, dando-me a triste certeza de que pouco mais tempo poderia viver. Os horribeis gases quimicos empregados na G. G. haviam-lhe arruinado a saude, tuberculizando-o, gravando-lhe nos olhos, antigamente brilhantes e vivos, uma poeira de loucura.

«Estive muito tempo sem o ver, supondo-o até já morto, quando um dia me apareceu aqui, em Mafra, há-de haver uns sete anos. Contou-me então a sua odisseia, em frases sacudidas e gestos de louco: Casara no Porto e passados meses a mulher presenteava-o com uma linda criança — um filhinho que foi todo o seu enlôvo. Estava porém escrito no livro do Destino que não podia ser feliz... A morte traiçoeira viera uma noite buscar-lhe o ente querido, roubá-lo aos seus carinhos. A sua esposa continuou a constituir a sua única familia — porque era orfão de pae e mãe o desgraçado cabo Mesquita. A desgraça, não contente ainda, segundo ele me declarou, de certa vez, aproveitando a sua ausencia de casa, destruiu-lhe o lar, num violento incêndio que lhe vitimou tambem a companheira.

«Foi preso sob a accusação de ter sido o autor voluntário do crime de fogo pôsto, sendo em seguida submetido a uma junta médica que o declarou em estado agudo de loucura furiosa, com intermitências de lucidez. Ele, a mim, negou-me, jurando por tudo, que tivesse cometido tal crime. O que é certo é que veio sob prisão para Lisboa, dando entrada no manicómio Miguel Bombarda, donde, ao cabo dum ano, saía com alta; pelo menos assim me confessou. Eu, contudo, suspeitando que éle teria fugido do hospício e na absoluta certeza de que, em liberdade, se tornaria perigoso com os seus ataques de loucura, logrei convencê-lo a esperar-me aqui neste mesmo gabinete, enquanto eu ia ao quartel tratar dum qualquer assunto urgente, que na occasião pretextei. Ele, porém, é que parece que adivinhou a minha oculta intenção, porque, quando voltei com quatro soldados com o objectivo de o prender e recambiar para Rilhafoles, tinha desaparecido, não sem que primeiramente me tivesse lançado fogo a este gabinete. O que me valeu foi a minha demora ter sido curta, quando não teria ficado sem casa...»

E indicando-nos um canto do aposento, o sr. tenente A. N. exclamou:

— Vejam os senhores como ainda ali se conservam os sinais do incêndio...

O meu interesse pela narração era enorme. O sr. tenente A. N. no fim de curta pausa, continuou:

«Da memória da população de Mafra não se tinha ainda varrido a lembrança dos dois incêndios do Livramento e da Bandalhoeira, que eu logo presumi serem obra do cabo Mesquita, em

vou a meter uma bala na cabeça, que o deseio impossibilitando-o de trabalhar; Anita Page é gága; etc., etc., etc.»

QUEREM MAIS?

E se quiserem mais algumas desilusões... comprem e leiam a tradução inglesa ou a alemã dos «Misterios da Cidade Artificial» de Pablo Villegas...

vista da mania predominante do seu espirito alterado ser precisamente lançar fogo a propriedades. Só agora, tardiamente, reconheço o meu engano, quanto a esses dois casos...

— Que felizmente e salvo erro foram os únicos registados — retorqui.

— Em Mafra!... — acentuou convictamente o meu amavel informador — mas durante anos consecutivos raro foi o mês em que, pelo menos, não se declarasse um sinistro, dentro dum raio de acção relativamente pequeno, talvez num diâmetro de cinco léguas em redor. Umaz vezes eram importantes florestas, outras eram edificios públicos, outras ainda, fábricas. — Nada a sanha devastadora do incendiário perdoava. Os jornais iam noticiando essas criminosas selvajarias, sem no entanto suspeitarem que eram todas praticadas por um só homem, por um louco que andava à solta, pelos montes.

UMA AMEAÇA AO CONVENTO DE MAFRA?

— E' como lhe digo! — affiançou o meu informador. — O Convento de Mafra tambem esteve ameaçado de ser devorado pelas chamas! Como consegui eu saber isso? Por esta carta... Leia!

Emocionado, peguei na carta que o tenente me estendia, e lancei um olhar sófrego para a assinatura, que dizia simplesmente «Mesquita». Estava escrita em letra trêmula, muito irregular, e fóra datada de Freiria, em 17 de Abril do corrente ano.

O cabo Mesquita declarava-se nela farto de viver, sofrendo dum incurável e estranho mal do cérebro e que imperiosamente o subjugava, criando-lhe ansiosos desejos de lançar fogo a todo o mundo, confessando que o horrivel espectáculo era o seu maior prazer. Descrevia os cruéis momentos em que a razão lhe era amarfanhada por occultas forças, e a amargura que sentia quando, em momentos de lucidez, recordava com horror os seus criminosos actos. Atribuia o seu padecimento à triste herança que lhe ficára da guerra e, reconhecendo-se incapaz de fugir à misteriosa influencia da loucura, resolvera apressar a morte — suicidar-se.

O seu último desejo, escravizador, atroz, era gozar o espectáculo do Convento de Mafra a arder. Até já tinha estudado o ponto frágil do monstruoso edificio! — confessava. Mas o destino não quisera que éle cumprisse essa missão...

Em *post-scriptum*, implorava do tenente A. N. que lhe desse sepultura num cemitério, para cujo effeito enviava um conto de reis.

— E matou-se, de facto? — interroguei comovido ao acabar de lêr.

— Nesse mesmo dia foi encontrado carbonizado sobre um montão de cinzas, ai para o campo, próximo de Meleças. Infeliz cabo Mesquita!... Na guerra foi um heroi e na loucura era um criminoso. Porque não havia eu de cumprir as suas últimas vontades?... Tinha éle, porventura, culpa de que uma doença mental, adquirida a defender a pátria, o transformasse em inconsciente e feroz incendiário?...»

«E' claro que se não fôsse esta carta, tambem nunca teria sabido quem era o terrivel incendiário que escolheu para seu campo de acção os arredores de Mafra... Porque, se o soubesse, seria eu o primeiro a organizar uma batida para o apanharmos... E aqui têm os senhores como eu nunca desconfiaria de que os Bentos fôsem os autores do crime de fogo pôsto nas suas respectivas propriedades, se não existissem denunciâncias anónimas e habeis agentes de policia investigadorã.

«Referentemente a esses dois casos, tem a Justiça humana em seu poder os verdadeiros culpados; e dos outros incêndios o autor... está já na «Terra da Verdade», quem sabe se a prestar contas a Deus dos actos praticados neste mundo...»

AMERICO FARIA

A fauna miseravel das docas

(Continuação da pag. 11)

de ferro enrolado como um caracol na sua concha, ressonava um rapazito, um espanhol, de quinze anos. Sabe-se lá que tragédia teria arremessado para ali aquela criança?

Trinta e seis foi o número de desgraçados que durante aquela noite a policia prendeu no Porto de Lisboa. E' uma parte minima dessa fauna estranha das docas, fauna igual á multidão ignara de tódas as docas do mundo: pedaços de sonho desfeito, farrapos de ilusão, dramas sombrios, cujo aspecto sórdido a um tempo enoja e comove.

Mario Domingues



O juiz — Não viu o número do carro que a atropelou?

A vítima — Não tive tempo, sr. juiz. Apenas reparei que a mulher que o conduzia levava chapéu preto, de feltro, com vivos vermelhos, fato tailleur, gris-perle, blusa de crêpe de Chine azul claro, sapatos último modelo de pele de crocodilo, com vivos azuis, luvas de camurça bege, meias de seda cor de carne com baguette um pouco mais escura... Ah! Já me esquecia: tinha um sinal a Nankin, na face esquerda, maquiçada de pó de arroz escuro, à Josefina Baker...

O SÁTIRO DE CORUCHE

Sempre que publicamos alguma reportagem que se refira ao «Sátiro de Coruche», logo chovem na nossa redacção inúmeras cartas plenas de informações, preciosas umas, insignificantes outras, que nem sempre aproveitamos mas quasi nunca deixamos de arquivar.

De entre os informes que se referem a José Garrido, de Coruche, um há que merece referência especial, pois serve de aviso aos incautos. Garrido modificou a redacção dos anúncios mensais com que apanhava raparigas desprevenidas para o seu suposto escritório. Agora pede *rapariga honesta para casa de família séria*.

Esteve também na nossa redacção uma senhora chamada Celeste, que se diz costureira e que esteve ao serviço do Garrido, em Coruche.

Afirmou peremptoriamente, e nós registamos a sua declaração, que, embora tivesse estado ao serviço do sátiro, nunca induzira qualquer empregada a portar-se mal.

A ressurreição dos Tavoras

(Continuação da pag. 13)

os serviam. A sementeira de amor e equidade que o orão lançara em volta da família, que se foi reproduzindo em muitas familias, espalhadas pelas imediações da mansão paterna, criou nas gentes de trabalho, naqueles pobres escravizados á necessidade de viver, uma consciencia de vitimas, que se foi definindo, apurando, consubstanciando em revolta intima, secreta.

A injustiça, a exploração, a violencia fôram alastrando através dos tempos e das mudanças e criando um ambiente de inquietação, um mal-estar sem expressão superficial mas cuja intensidade e cujo progresso nitidamente se sentiam.

Eclodiram revoltas, sangrentas ás vezes mas quasi sempre impulsionadas por um impressionante idealismo, uma aspiração luminosa de justiça.

A aspiração de justiça alastra, impõe-se ás camadas mais altas e domina os chefes que não se expuseram ainda numa acção decisiva, estabelecendo entre elles e as camadas que a revolta vem trabalhando lentamente, ao longo de quasi um seculo, a solidariedade intima e absoluta que se sintetiza triunfalmente numa retumbante vitória.

Essa vitória, que traz ao esplendor da fama, entre os combatentes mais denodados, mais heróicos e mais illustres, o nome insigne de um Tavora, que se ufana da ascendencia portuguesa, lembra esse orão de Belem — o único Tavora que o odio de Pombal poupou.

Em Portugal os Tavoras desapareceram em consequencia de uma conjura politica fracassada; o apelido illustre, excedido pelos vencedores, resuscita agora no Brasil numa revolução vitoriosa.

GIDE BEY

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no
Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

OS GRANDES DRAMAS
IGNORADOS DA PROVINCIA

Reporter X

iniciará brevemente uma
série de reportagens
sensacionais sobre

OS DRAMAS MISTERIOSOS
E
IGNORADOS DA PROVINCIA

Como se aluga o talento

(Continuação da pag. 12)

dos clientes se esquecerem quasi sempre de pagar os restantes 50 %, depressa melhorámos a nossa situação. Começamos, com o dinheiro do negócio, a dispersar-nos. Eu fui então para a Holanda, onde me conservei um ano. Foi em Haya que conheci o sr. Antunes.

É depois de acender um cigarro, Ribot rematou o episódio que tanto nos interessava :

— Ouvi, em Haya, o sr. Marques Antunes recitar textualmente uma formidável conferencia que esse tal português de talento escrevera e nos lera á mesa do café, antes de enviá-la a um destinatário que, diga-se de passagem, não se aproveitou do anonimato para se esquecer de nos pagar integralmente. Marques Antunes era um dos maiores clientes da nossa

tertulia e deve sê-lo ainda, porque alguns dos nossos companheiros continuam, em larga escala, esse grande negócio que a miséria nos obrigou a fundar, um dia, em Paris.

Z.

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM ALIMENTO RECONSTITUENTE N'UMA SO-BEBIDA.

Prepare o seu **TODDY** com um agitador

AVENDA EM TODA PARTE

Martina L.

29.C. DE S. FRANCISCO, 37—LISBOA

Ourivesaria Aliança CAFÉ MONUMENTAL

Rua das Flores — PORTO



As suas novas instalações valem uma visita

Joias e pratas artísticas

PORTO

O melhor Café da Península
Todo o conforto moderno

Bar — Café — Bilhares

Concêrtos por distintos músicos
nas Soirées e Matinéés

Avenida dos Aliados

APARECEU O
CAMELEON
FORMULA
1930

MUDA DE TOM COM CADA CÔR
RESISTE A TUDO E DÁ AOS LABIOS
UMA SEDUÇÃO IRRESISTIVEL

**ROUGE
CAMELEON**

AGENTE EXCLUSIVO
João Amaral (Santa Clara) — 2001
PORTO

MERCEARIA CAMÕES

RUA DO LOUREIRO, 84

Porto

Especialidade em gé-
neros de mercearia

Barateza de preços e
excelência de qualidade

Comprem sempre
na

Mercearia Camões

COMPRAI SO



O melhor entre os melhores

284 — R. MOUSINHO DA SILVEIRA — 286

PORTO



JOÃO DE MELO LAPA
ADVOGADO

RUA DO BARÃO, 6
LISBOA



Depósito de tubos de fer-
ro galvanizados, ingleses

Acessórios. Louças
sanitárias. Banhei-
ras esmaltadas.

Bombas. Torneiras.
Todos os aprestos
pertencentes á arte

de picheleiro.

União dos Picheleiros, Lt. da

Fundada
em 1908

Telefone 1207

74, Largo de S. Domingos, 75

Porto

Casa Liège Grande depósito de tubos de ferro ingleses:

Rua de Cedofeita, 249 -- PORTO

FABRICA DE CONFEITARIA

A melhor e mais higiênica
do norte do país

FABRICO DE TODA A CLASSE DE DOÇARIA

Preços especiais para revenda

Galvanizados, pretos
e seus acessórios

Metal antifricção -- Tubolagem
de aço para caldeiras

J. Santos & Silva, Sucr.

Válvulas para bombas e vapor. Torneiras em metal, em todos os géneros

TELEFONE, 2747

Avenida Saraiva de Carvalho, 41

PORTO